

Uma introdução aos situacionistas

Jan D. Matthews

Link:

<https://theanarchistlibrary.org/library/jan-d-matthews-an-introduction-to-the-situationists>

"Diante da alternativa do amor ou de um triturador de lixo, os jovens de todos os países escolheram o triturador de lixo."

IS N° 1

Introdução

A Internacional Situacionista (1957-1972) foi um grupo relativamente pequeno, porém influente, com sede em Paris, que teve suas origens na tradição artística de vanguarda. Os situacionistas são mais conhecidos por sua teoria política radical e por sua influência nas revoltas estudantis e operárias de maio de 1968 na França. A Internacional Situacionista (SI) publicou uma revista chamada *Internationale Situationniste* (IS). Seleções das doze edições da revista foram traduzidas e publicadas por Ken Knabb como a *Situationist International Anthology*. Os dois outros textos essenciais para a compreensão da teoria da IS são *A sociedade do espetáculo* (*The Society of the Spectacle*), de Guy Debord (o principal teórico da IS durante toda a sua existência), e *A revolução da vida cotidiana*, de Raoul Vaneigem. Debord disse sobre *The Society of the Spectacle*: "sem dúvida, não houve três livros de crítica social tão importantes nos últimos cem anos". Debord talvez estivesse pensando em *O Capital*, de Marx, cujo primeiro volume foi publicado em 1867, exatamente 100 anos antes da publicação de *A Sociedade do Espectáculo*. Embora Debord certamente não fosse conhecido por sua modéstia, muitos que conhecem seu livro, inclusive eu, são tentados a concordar com ele. O jornal comunista antiestatal britânico *Aufheben*, por exemplo, acha que, embora não seja *O Capital* deste século, é um dos poucos livros que podem fazer tal afirmação. Outra afirmação situacionista, feita em 1964 na IS n° 9, é, em muitos aspectos, muito

mais grandiosa: "O nosso é o melhor esforço para *sair do século XX*". Este ensaio inevitavelmente apresentará algumas das bases para julgar a validade dessa última afirmação.

A influência da SI nos Estados Unidos é mais perceptível no meio anarquista. Os situacionistas, entretanto, não eram anarquistas. "Todos os tipos de experiências recentes mostraram o confusãoismo recuperado do termo 'anarquista', e me parece que devemos nos opor a ele em todos os lugares", escreveu Debord em 1968. Os situacionistas poderiam ser chamados de comunistas antiestatais: eram muito influenciados por Marx e não se identificavam com a tradição anarquista, mas compartilhavam a oposição anarquista ao Estado. (Os situacionistas, entretanto, não se autodenominavam comunistas devido à associação popular com os Partidos Comunistas). Os anarquistas nos Estados Unidos costumam ter várias concepções errôneas sobre a IS. Uma concepção errônea é que os situacionistas eram intelectuais marxistas incompreensíveis e, portanto, não tinham nada a oferecer às massas de pessoas que aguardavam as ideias simples e práticas dos anarquistas. Esse conceito errôneo atrai o número crescente de anarquistas que têm uma reação instintiva a qualquer coisa que soe "marxista" ou "teórica" e o número crescente de anarquistas que não se importam nem com a teoria marxista nem com os princípios anarquistas, mas preferem políticas de identidade ou moralização esquerdista. Outras concepções errôneas resultam da separação do conceito de espetáculo da crítica de Debord ao capitalismo ou do foco apenas no estilo de vida ou nos aspectos estéticos do SI.

É importante entender a IS em relação a Marx, para ver como eles viam seu próprio projeto como uma continuação da crítica de Marx ao capitalismo (e este ensaio certamente se concentrará nisso). "Os filósofos apenas *interpretaram* o mundo, de várias maneiras; o objetivo é mudá-lo", escreveu Marx. "Até agora, filósofos e artistas apenas interpretaram situações; a questão agora é transformá-las", escreveu o SI. De muitas maneiras, a ideia situacionista da realização e supressão da arte é semelhante à realização e supressão teórica da filosofia empreendida por Marx. Ao manter viva a teoria de Marx, os situacionistas, assim como Marx, inspiraram-se em Hegel. "A coruja de Minerva [deusa romana da sabedoria] abre suas asas apenas com o cair do crepúsculo", escreveu Hegel, o que significa que a filosofia pressupõe uma forma de vida envelhecida, um distanciamento da vida e um julgamento *post festum*. Fazendo eco a Hegel, mas com uma abordagem fundamentalmente diferente, Debord escreveu: "A

grandeza da arte só emerge ao anoitecer da vida". Os SI não eram meros artistas e proclamaram sua grandeza bem cedo.

Fundação e história da SI

Em seu livro, *Guy Debord*, Anselm Jappe escreve: "Guy Debord tinha certeza de que a desordem que tomou conta do mundo em 1968 teve sua origem em algumas mesas de café, onde, em 1952, um punhado de jovens um tanto desgarrados, que se autodenominavam a Internacional dos Letristas, costumava beber demais e planejar divagações sistemáticas que chamavam de *derivas*". Os Letristas eram originalmente um grupo de artistas de vanguarda que seguiam a tradição dos dadaístas e surrealistas, agrupados em torno de Isadore Isou, cujo desejo de reduzir a poesia à letra lhes deu o nome de Letristas. Em 1951, o jovem Debord foi ao Festival de Cinema de Cannes e ficou particularmente impressionado (ao contrário do resto da plateia) com um filme exibido por Isou e os Letterists intitulado "Treatise on Slobber and Eternity", que não tinha imagens e tinha poesia onomatopaica e monólogos como trilha sonora. Posteriormente, Debord desempenharia um papel importante entre os cartapistas. Em 1952, Debord fez o filme *Howling em favor de Sade*. O filme, como todos os filmes de Debord, envia uma mensagem ao mesmo tempo em que critica o meio: "O cinema está morto. Os filmes não são mais possíveis. Se você quiser, vamos discutir", é a mensagem de Debord perto do início do filme. O filme teve uma tela preta ou branca durante todo o tempo. Várias citações, observações sobre os Letristas e proposições teóricas são ditas no filme, mas também há muito silêncio. A última parte do filme consiste em 24 minutos de silêncio e escuridão.

Os letterists estavam interessados em sabotagem cultural do tipo Dada, inventando uma nova atividade para substituir a arte, a estética e a arte em si. Em 1950, os Letterists sabotaram a missa de Páscoa em Notre Dame. Eles amordaçaram, despiram e amarraram um padre. Um ex-letrista católico pegou suas vestes, subiu ao púlpito e disse: "freres, Dieu est mort" e começou a falar sobre as implicações da morte de Deus. A congregação tentou linchá-lo e ele teve de se render à polícia para salvar sua vida. Outra façanha de alguns letristas foi sabotar a coletiva de imprensa de Charlie Chaplin. Isso foi demais para Isou, no entanto, e ele denunciou o fato. Isso levou a uma divisão entre os cartapistas.

Debord e a facção que rompeu com Isou fundaram a Letterist International (LI) em novembro de 1952. Eles criaram um jornal chamado *Potlach*. Os cartapistas bebiam muito, usavam drogas e, em geral, tentavam evitar o trabalho. Em seu grupo social, houve mais de uma tentativa de assassinato e vários suicídios. Naquela época, a França estava passando por uma rápida modernização, e os letristas protestavam contra a banalidade da sociedade de consumo. A LI tinha uma certa seriedade organizacional que se tornaria ainda mais evidente na SI. Esperava-se que os membros vivessem sua teoria e rejeitassem completamente a sociedade burguesa. Em um filme de 1961, Debord capturou o espírito de radicalismo intransigente que estava sendo formado naqueles anos: "Mal comecei a fazer você entender que não pretendo jogar o jogo".

Em 1957, o SI foi fundado em Cosio d'Arroscia, no norte da Itália, principalmente a partir da união de dois grupos de vanguarda anteriores, o LI e o The Movement for an Imaginist Bauhaus. "O SI é a primeira organização artística a se basear na inadequação radical de todas as obras permitidas", proclamaram em 1960. (Parece que mais tarde eles deixaram de se considerar uma "organização artística"). A SI tinha membros da Argélia, Bélgica, Inglaterra, França, Alemanha, Holanda, Itália e Suécia. Organizacionalmente, as seções nacionais eram mantidas juntas por meio de conferências anuais e da revista, que era publicada uma ou duas vezes por ano em Paris. A revista era muito barata, tinha papel brilhante e capas de metal dourado e não tinha direitos autorais.

Os primeiros membros da SI estavam preocupados em romper com as rotinas e funções capitalistas cotidianas e criar "situações" de qualidade passional superior. Eles estavam interessados em planejamento urbano e arquitetura. Faziam derivas, ou seja, andavam pela cidade, vivenciando o ambiente urbano de uma nova maneira e registrando suas descobertas e experiências. Eles se dedicaram ao "estudo dos efeitos específicos do ambiente geográfico (organizado conscientemente ou não) sobre as emoções e o comportamento dos indivíduos", o que chamaram de "psicogeografia". Eles acreditavam na necessidade de realização e supressão da arte, ou na abolição da arte como uma esfera separada da vida e na realização ou integração da paixão e da beleza da arte na vida cotidiana.

Em 1962, houve uma divisão entre os teóricos políticos e os artistas do SI. Debord insistiu que a arte deveria ser dissolvida em uma práxis revolucionária unitária. A partir de então, a SI não se concentrou mais em superar a arte encontrando uma atividade para

substituí-la. Em 1967, foram publicados *The Society of the Spectacle (A Sociedade do Espetáculo)*, de Debord, e *The Revolution of Everyday Life (A Revolução da Vida Cotidiana)*, de Vaneigem, ambos com críticas brilhantes ao capitalismo moderno a partir de uma perspectiva situacionista.

Ao longo de sua existência, o SI teve uma média de 10 ou 20 membros. No total, 63 homens e 7 mulheres de 16 países diferentes foram membros em um momento ou outro. Mais da metade foi excluída em um momento ou outro, e a maioria dos outros se demitiu. As edições 1 a 5 da SI foram feitas coletivamente, as edições 6 a 9 foram feitas principalmente por três pessoas e as edições 10 a 12 foram feitas principalmente por Debord (ele chamou essas edições de "as melhores"). A última conferência da SI foi realizada em 1969. Depois de 1968, a SI não conseguiu lidar com o novo período de luta. Quando se dissolveu formalmente em 1972, restavam apenas dois membros, Guy Debord e Gianfranco Sanguinetti.

A teoria do SI

A teoria política da IS foi influenciada por Marx, Hegel, Lukacs, pelo grupo francês Socialismo ou Barbárie (de onde tiraram seu conselhismo e crítica da União Soviética), pelo marxista humanista Henri Lefebvre (que formulou uma crítica da vida cotidiana) e, em menor escala, por pessoas tão diversas quanto Wilhelm Reich e Nietzsche. A SI sempre usou o que achava relevante em vários escritores e descartou o resto. Em vários momentos, eles denunciaram com veemência pessoas como Lukacs, Henri Lefebvre e Sartre. A SI sempre foi bastante convincente em suas denúncias de vários acadêmicos ou artistas de esquerda e suas ideias da moda.

A seguir, apresentarei alguns dos principais conceitos teóricos do SI:

1. Recuperação e permanência

A recuperação é a canalização da revolta social de uma forma que perpetua o capitalismo. Entender a recuperação é entender como as lutas da classe trabalhadora são mantidas sob controle e como as demandas da classe trabalhadora são integradas à estratégia do capital. Entender a recuperação é entender que ela é uma função central da mídia e dos sindicatos modernos. A cultura punk rock sendo vendida em lojas de butique é um exemplo de recuperação. É claro que é a incapacidade da cultura punk rock de desafiar

efetivamente qualquer coisa que a abre tão completamente para a recuperação. A esquerda, como oposição leal do capital, é a personificação da recuperação política - ou a manutenção das coisas no âmbito da política e da representação. Detournement é algo como o oposto de recuperação. É a apropriação de imagens ou ideias e a mudança de seu significado pretendido de uma forma que desafia a cultura dominante. Um bom exemplo disso são os quadrinhos *detourned* que os situacionistas popularizaram, nos quais ideias e slogans revolucionários são substituídos pelo que os personagens dos quadrinhos deveriam estar dizendo.

2. Alienação e separações

Nos *Manuscritos de 1844*, Marx apresentou sua crítica à alienação. Ele observou que a relação capitalista de trabalho assalariado coloca o trabalhador na posição de ser forçado a vender sua força de trabalho (seu tempo e energia) ao capitalista para sobreviver. Sua atividade de trabalho não é, portanto, uma expressão de seus desejos e de sua capacidade criativa, mas um trabalho forçado que confronta o trabalhador como uma imposição *alienígena* ditada por outra pessoa. O trabalhador *aliena* sua força de trabalho para receber um salário. Essa circunstância, observou Marx, aliena 1) o trabalhador do produto de seu trabalho (uma vez que ele não determina seu destino), 2) o trabalhador do ato de trabalhar (uma vez que o processo de trabalho é ditado pelo capitalista), 3) o homem de sua espécie (sua natureza e poderes intelectuais da espécie, determinados pelo curso do desenvolvimento humano) e 4) o homem do homem (os trabalhadores não determinam sua atividade em conjunto e o capitalista está acima deles como um tirano).

Diferentemente dos marxistas-leninistas, os situacionistas fizeram uso total da teoria da alienação de Marx e construíram grande parte de sua análise do capitalismo moderno sobre essa base conceitual. O SI enfatizou que "a organização revolucionária deve aprender que não pode mais combater a alienação com meios alienados". As formas organizacionais que não permitem que as pessoas determinem livremente suas atividades em conjunto (hierarquia) são meios alienados. Elas incentivam as pessoas a trabalhar por causas ou ideais alienígenas. Assim como o Socialismo ou Barbárie, a SI queria destruir a divisão entre quem dá e quem recebe ordens. Sua crítica à alienação levou a IS a rejeitar veementemente o Estado como um exemplo perfeito de "meio alienado".

A SI também caracterizou a sociedade espetacular (mais sobre o espetáculo posteriormente) como um sistema de separações. Como escreve *Against Sleep And Nightmare*, de influência situacionista, "À medida que o mercado se expande, ele precisa vender mais mercadorias. Para vender as mercadorias, o capitalista precisa fazer com que as pessoas não apenas desejem a mercadoria, mas precisem dela. Ao fragmentar mais áreas da vida social, antes indiferenciadas, em unidades quantificáveis, os capitalistas forçaram os trabalhadores atomizados a satisfazer suas necessidades externamente, em vez de fazê-lo por meio de relações comunitárias diretas e não mercantis." À medida que a economia como uma esfera separada da vida se expande para abranger cada vez mais nossas atividades, nossa separação uns dos outros e de nossos próprios desejos e poderes se torna mais aguda. O SI tinha uma base teórica para entender a condição alienada do homem moderno, conforme retratada na arte e na literatura. Somente a destruição do capitalismo pode acabar com o domínio da economia sobre toda a vida.

3. **Especialização e militantismo**

Como Marx apontou, a sociedade de classes depende da divisão do trabalho inaugurada pela divisão do trabalho mental e físico. O capitalismo expande ainda mais essa divisão do trabalho ao criar a necessidade de gerenciamento e controle de domínios cada vez maiores da vida social. O capitalismo produz toda uma gama de especialistas (psicólogos, professores, cientistas etc.) que trabalham para perpetuar o capitalismo. Em geral, não escolhemos depender de especialistas, é apenas a forma como o sistema é estabelecido. Um bom exemplo disso é a regra dos especialistas chamados políticos que representam as pessoas, quer elas queiram ou não ser representadas. Os situacionistas entenderam como essa característica do capitalismo é espelhada por sua oposição de esquerda. O papel esquerdista do militante se encaixa perfeitamente no mundo de separações que os situacionistas odiavam: o militante é um crente devoto em uma causa para a qual outros devem ser convertidos e, a serviço dessa causa, o militante se sente obrigado a falar pelo "povo" e dizer o que é bom para "o povo". O militante de esquerda é um aspirante a burocrata. O SI entendia que a crítica da especialização era fundamentalmente uma crítica da sociedade de classes e uma afirmação do comunismo. "Em uma sociedade comunista não há pintores, mas,

no máximo, pessoas que se dedicam à pintura entre outras atividades", escreveu Marx.

4. Subjetividade

Em contraste com a dialética objetivista do marxismo-leninismo e a fria objetividade do capitalismo corporativo, a SI enfatizou a subjetividade da revolta, a capacidade do proletariado de ser o sujeito consciente da história e não o objeto passivo do projeto burocrático. Apesar do acúmulo objetivo de grandes quantidades de riqueza e da capacidade dos trabalhadores do mundo industrializado de comprar várias mercadorias novas, há uma crescente pobreza subjetiva na vida cotidiana. O SI protestou contra o tédio e a banalidade da espetacular sociedade de mercadorias. Eles falaram sobre os sentimentos subjetivos de opressão e passividade que caracterizavam a vida cotidiana na sociedade capitalista, em vez de se concentrarem apenas nas lutas econômicas ou nos conflitos políticos. Vaneigem sintetizou a tendência da SI de se concentrar no subjetivo, no desejo e em sua frustração.

5. Sobrevivência

A SI, observando o que eles viam como a "proletarização do mundo", achou necessário enfatizar que a sobrevivência que pode ser garantida pelo capitalismo não é a mesma coisa que viver de fato. Se não fosse por sua ênfase no subjetivo, eles não teriam considerado isso muito importante. Marx criticou fortemente a degradação da atividade humana inerente à relação salário-trabalho: "[o trabalho] não é, portanto, a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio de satisfazer necessidades externas a si mesmo". O trabalhador recebe um salário com o qual pode comprar mercadorias vendidas pelos capitalistas, mas não tem controle sobre a produção. Essa talvez seja a base fundamental para a contraposição da SI entre vida e sobrevivência. A vida é uma afirmação dos desejos e das capacidades criativas de uma pessoa, enquanto a sobrevivência é trabalhar, consumir, assistir à televisão etc. Com frequência, a SI expandiu muitas das ideias de Marx, o que é totalmente necessário, dado o desenvolvimento do capitalismo que ocorreu ao longo de um século.

6. Ideologia

"A teoria revolucionária é agora a inimiga jurada de toda ideologia revolucionária, e sabe disso", escreveu Debord em *The Society of the Spectacle*. A SI certa vez lembrou orgulhosamente a seus leitores que Marx tinha uma crítica da ideologia, que isso era inerente a seu *método*. Eles estavam certos, é claro. Embora Marx não tenha aprofundado muito essa crítica, ela está implícita em grande parte de sua obra, e *A Ideologia Alemã* foi concebida como uma crítica ao pensamento ideológico dos filósofos alemães. A ideologia é a falsa consciência que é reproduzida pela ordem social dominante com o objetivo de manter seu domínio. O direito divino dos reis seria um exemplo dessa falsa consciência. O racismo, o darwinismo social, o liberalismo e o progresso são ideologias que foram usadas pelo capitalismo por vários motivos. No capitalismo, a ideologia aparece como a reificação do pensamento ou a separação da teoria da prática (nesse caso, a *teoria* poderia ser chamada de *ideologia*). O SI tinha plena consciência da separação entre a teoria do controle dos trabalhadores e sua aplicação na prática, como exemplificado pela ideologia bolchevique. O domínio contínuo da burocracia soviética exigia o uso do mito do controle operário, o mito de um "estado operário", para esconder o fato da exploração contínua do trabalho. Os trabalhadores não estavam sendo explorados, diz o mito, porque tudo o que eles faziam era para o bem do Estado dos trabalhadores, que os incluía. Portanto, se os trabalhadores se revoltam contra esse estado, eles devem ser contrarrevolucionários, pois estão lutando contra o estado do trabalhador, a personificação política da revolução. Há um aspecto religioso em toda ideologia. Em um nível subjetivo, a ideologia aparece como a dominação de ideias - pessoas agindo para a maior glória de sua ideologia (Deus) em vez de agir com base em seus desejos.

Agora, apresentarei uma visão geral de algumas das ideias marxistas que são mais importantes para os situacionistas e, em seguida, uma breve análise do conceito de "espetáculo". Marx tem sido visto por alguns como um teórico da economia política, por outros como um teórico de uma crítica da economia política; por alguns como um defensor de algum tipo de economia planejada, por outros como um claro defensor da destruição da economia. Teoricamente, as últimas visões são mais defensáveis. Entretanto, Marx se deixou aberto à interpretação leninista, que vê a gestão estatal (do capital) como a essência do socialismo, pois não se posicionou contra a participação

política e a tomada do poder estatal, como fez Bakunin. O grande mérito de Bakunin foi prever que a tomada do poder do Estado por um partido marxista levaria à criação de uma nova classe dominante. Até que ponto o marxismo-leninismo se afasta do projeto revolucionário de Marx? Esse é, sem dúvida, um debate bastante complexo, mas menciono que ele existe para deixar claro que os comunistas antiestatais geralmente rejeitam o Estado *com base* na teoria de Marx, por mais surpreendente que isso possa parecer para aqueles que não leram Marx (mas que realmente não gostam dele).

A ideia de dialética surge repetidamente entre os situacionistas e, a princípio, parece um tanto mistificadora. Um escritor anarquista certa vez chamou a dialética de "a desculpa do marxista quando você o pega mentindo". E, embora certamente possa ser isso, ela também é outras coisas. Procurar em um dicionário não resolverá o dilema. O grego "*dia*" significa dividido em dois, oposto, em conflito, e "*logos*" significa razão. A dialética é um modo de raciocínio que não vê as coisas meramente como divididas em duas, mas vê as coisas como se movendo, interagindo e se transformando em seus opostos. A dialética é uma compreensão das coisas em movimento. Como um objeto em movimento é a unidade de onde estava e para onde está indo, a dialética implica uma compreensão da contradição. Os momentos de um processo dialético podem ser descritos como afirmação, negação e negação da negação, em que os dois opostos da "negação" são distintos e diferentes - a "negação da negação" representa um novo tipo de afirmação. Isso é possível, de certa forma, porque a dialética raciocina em três dimensões. Como Lukacs apontou, a premissa da dialética é que "*as coisas devem ser mostradas como aspectos dos processos*". "O *dever* do aluno é a verdade de seu ser", observou Debord. A dialética também pode ser entendida como uma forma de raciocínio que vai além da mera aparência das coisas para compreender as relações ou processos subjacentes que ocorrem por trás da aparência imediata. Engels não disse "a prova está no pudim", mas sim "a prova do pudim está no ato de comer", o que é mais dialético porque compreende os aspectos objetivos (o pudim) e subjetivos (o ato de comer) de qualquer julgamento sobre o pudim. Marx não apenas escreveu sobre o conflito de classes que ocorreu ao longo da história, mas também entendeu que aqueles que escrevem sobre esse conflito não estão separados de seu movimento. É sua compreensão da relação dialética entre teoria e prática que torna sua teoria revolucionária (veja especialmente suas *Teses sobre Feuerbach*). Marx escreveu certa vez que "não basta que o pensamento se esforce para realizar a si mesmo; a própria

realidade deve se esforçar em direção ao pensamento". Mustapha Khayati, da SI, melhorou a formulação de Marx: "Não é suficiente que a teoria busque sua realização na prática; a prática deve buscar sua teoria."

Relacionada à ideia de dialética está a categoria de totalidade, presente nos escritos de Hegel e Marx, enfatizada por Lukacs e usada com frequência pela IS. A totalidade significa em parte o que parece significar, mas também implica uma compreensão dialética de um todo e das partes que o compõem. Para Hegel, a totalidade era Deus, enquanto para Marx eram as relações de produção em uma determinada sociedade. Lukacs tinha o seguinte a dizer sobre o assunto: "A interação que temos em mente deve ser mais do que a interação de *objetos que, de outra forma, seriam imutáveis*... Assim, as formas objetivas de todos os fenômenos sociais mudam constantemente no curso de suas incessantes interações dialéticas entre si. A inteligibilidade dos objetos se desenvolve na proporção em que compreendemos sua função na totalidade à qual pertencem. É por isso que somente a concepção dialética da totalidade pode nos permitir entender *a realidade como um processo social*. Pois somente essa concepção dissolve as formas fetichistas necessariamente produzidas pelo modo de produção capitalista e nos permite vê-las como meras ilusões que não são menos ilusórias por serem vistas como necessárias." As "formas fetichistas" mencionadas por Lukacs são resultado da *reificação* (outro termo usado pelo SI), ou o processo no qual o capitalismo personifica as relações entre as coisas e "coisifica" ou reifica as relações entre as pessoas. Tudo isso deve deixar claro que o pensamento dialético visa a um conhecimento da realidade, diferente de um simples conhecimento dos fatos.

Um aspecto importante do método de Marx é seu materialismo. Marx sustentava que a existência determina a consciência, enquanto a consciência não determina a existência. Em outras palavras, as ideias não existem em um reino próprio e se manifestam no mundo material. As ideias são produzidas por meio de nossas experiências no mundo e continuam sendo um componente desse mesmo mundo. Essa é a essência da crítica de Marx à filosofia idealista, representada por Hegel. Aos 19 anos de idade, Marx escreveu um poema sobre Hegel no qual dizia que Hegel misturava as palavras em uma "confusão diabólica". Parte da razão para isso é que a dialética de Hegel é, em última análise, o trabalho de forças imateriais, enquanto Marx coloca o homem em suas relações materiais no centro de seu pensamento. A crítica de Marx ao idealismo estava intimamente ligada à sua crítica à ideologia, uma vez que o pensamento ideológico,

quer admita ou não, baseia-se na suposição de uma consciência correta que transformará a realidade social. Hegel escreveu que "[h]istória é a mente se vestindo com a forma de eventos ou com a realidade imediata da natureza". Em contraste, Lukacs, representando um ponto de vista marxista, escreveu: "... a história é a história da derrubada incessante das formas objetivas que moldam a vida do homem".

A compreensão do capital é fundamental para qualquer entendimento do capitalismo e da teoria marxista. Então, o que é capital? Fredy Perlman definiu capital como "... ao mesmo tempo, um nome para uma relação social entre trabalhadores e capitalistas, para os instrumentos de produção de propriedade de um capitalista e para o equivalente em dinheiro de seus instrumentos e 'intangíveis'..." O capital é uma relação social que exige o uso de coisas de uma maneira específica, e são essas coisas que reproduzem diretamente essa relação social no processo de acumulação de valor. Como Marx enfatizou nos *Grundrisse*, o capital deve ser entendido como um processo. Marx definiu o capital como "uma relação social de produção", "valor em processo", "um Moloch", "trabalho acumulado" e, mais poeticamente, como "trabalho morto que, como um vampiro, vive sugando o trabalho vivo, e vive tanto mais quanto mais trabalho suga". *Aufheben* definiu o capital como "a autoexpansão do trabalho alienado". Esse trabalho alienado aparece como uma mercadoria (C) na fórmula básica de Marx para o capital (onde M é dinheiro): M-C-M. O dinheiro é trocado pela mercadoria (força de trabalho) que produz uma quantidade maior de dinheiro. Para simplificar, temos M-M, dinheiro que rende mais dinheiro (o que, por si só, parece um absurdo), ou capital, "valor autoexpansível", como escreveu Marx.

É de fundamental importância entender que Marx fez uma crítica ao trabalho que produz valor (e muitos marxistas não entendem isso). Na sociedade capitalista, o trabalho tem um caráter duplo: é uma atividade que produz valores de uso, ou produtos úteis, e é uma mercadoria única que produz valor, cuja "forma-aparência" é o valor de troca. O valor existe em virtude do processo de troca e não é simplesmente uma "propriedade" de uma mercadoria. No capitalismo, as pessoas se relacionam economicamente umas com as outras apenas na medida em que a outra pessoa possui coisas (força de trabalho ou outras mercadorias) que elas consideram úteis. As relações sociais não são estabelecidas diretamente, mas por meio de coisas. Dessa forma, o valor aparece e se torna mensurável pela quantidade de tempo de trabalho abstrato socialmente necessário incorporado ao produto do trabalho, a mercadoria. O valor é

regulado pelo mercado, mas não por qualquer indivíduo. As relações sociais capitalistas não apenas aparentam ser, mas de fato são "relações materiais entre pessoas e relações sociais entre coisas". Marx chamou essa característica do capitalismo de "fetichismo das mercadorias". Marx tentou explicar o fetichismo das mercadorias comparando-o à religião, na qual "as produções da mente humana aparecem como seres independentes dotados de vida, estabelecendo relações entre si e com os seres humanos".

O conceito de Debord sobre o espetáculo é uma forma de fetichismo da mercadoria. Debord enfatizou que o espetáculo não é uma coleção de imagens, mas sim "uma relação social entre pessoas mediada por imagens". Da mesma forma, Marx havia escrito que o capital é uma relação social entre pessoas mediada por coisas. O espetáculo é "a inversão concreta da vida" e o "movimento autônomo da não-vida". O princípio do espetáculo é a "não-intervenção". Para Marx, o dinheiro acumulado além de um determinado limite é transformado em capital. Para Debord, o capital acumulado além de um determinado limite é transformado em imagens. Debord atualizou e expandiu a teoria de Marx sobre o fetichismo da mercadoria, aplicando a ideia de reificação a todas as áreas da vida social. Para entender melhor tudo isso, é preciso ler *The Society of the Spectacle*.

Maior de 1968

Agora apresentarei uma breve visão geral do movimento revolucionário e dos eventos de maio de 1968. Do ponto de vista da SI, é importante mencionar *On the Poverty of Student Life* (*Sobre a pobreza da vida estudantil*), uma crítica situacionista da vida estudantil e da sociedade capitalista, e uma excelente introdução às ideias situacionistas. Em 1966, alguns alunos simpatizantes do SI foram eleitos para o grêmio estudantil da Universidade de Estrasburgo. Eles pretendiam dissolver o sindicato estudantil depois de conquistarem seus cargos, mas primeiro queriam causar um escândalo. Eles entraram em contato com a SI, buscando colaborar em alguma forma de propaganda que denunciasse a universidade e apresentasse uma crítica revolucionária do capitalismo. O resultado foi que *On the Poverty of Student Life* (*Sobre a Pobreza da Vida Estudantil*) foi escrito principalmente pelo membro da SI Mustapha Khayati, 10.000 cópias foram feitas com fundos da universidade e os panfletos foram distribuídos por todo o campus no primeiro dia de aula. Isso levou a um processo judicial no qual o juiz denunciou a ameaça anarquista à universidade. (Consulte library.nothingness.org)

No contexto das ideias radicais, como as da SI, que ganharam algum grau de popularidade, da crescente agitação contra a guerra do Vietnã e do desgosto com os regulamentos universitários e os estatutos anti-sexuais, os estudantes da França começaram a agitar um pouco as coisas. Na Universidade de Nanterre, por exemplo, os homens invadiram os dormitórios das mulheres e as mulheres invadiram os dormitórios dos homens. O situacionista René Vienet, em seu livro sobre maio de 68, escreve que, em Nanterre, cerca de 4 ou 5 radicais que eram "vagabundos do campus" e que concordavam com o SI iniciaram a agitação em dezembro de 1967 que levaria à crise revolucionária de maio de 68. Durante uma luta contra a presença da polícia em Nanterre, esses jovens radicais começaram a se chamar de enrages, ou "os enraivecidos", como era o nome dado aos elementos mais radicais durante a Revolução Francesa. Eles fotografavam policiais à paisana e divulgavam fotos ampliadas deles no campus. Também começaram a interromper os cursos de sociólogos e a jogar frutas nos professores, que às vezes eram protegidos por estudantes de esquerda.

Em 22 de março, os estudantes tomaram um prédio administrativo em Nanterre e, em 29 de março, Nanterre foi fechada por dois dias. Depois, em 2 de maio, a universidade foi fechada indefinidamente. Em 3 de maio, houve uma grande reunião na Sorbonne para protestar contra o fechamento de Nanterre e a ameaça de expulsão dos estudantes. Depois que a polícia apareceu, as pessoas acabaram sendo espancadas e presas. A essa altura, os estudantes estavam extremamente irritados e uma das vans da polícia nunca conseguiu voltar para a estação. Houve confrontos entre estudantes e policiais no Latin Quarter, nas proximidades. Após essa batalha inicial, seguiu-se uma semana de manifestações estudantis e tumultos.

Em 6 de maio, os tumultos haviam crescido e incluíam muitos trabalhadores, desempregados, estudantes do ensino médio e jovens hoods (delinquentes juvenis) e, em 10 de maio, a maioria dos manifestantes não era estudante. Os moradores da área deram comida e água aos manifestantes, embora alguns de seus carros estivessem sendo queimados nas ruas. A polícia havia recebido ordens para esvaziar as ruas e houve brigas de rua durante toda a noite. Os manifestantes ergueram barricadas, fizeram muitas pichações e jogaram muitos paralelepípedos e coquetéis molotov na polícia.

Em 11 de maio, a polícia recebeu ordem para se retirar do Quartier Latin e em 13 de maioth as faculdades foram reabertas. Assim, em 13 de maioth, imediatamente após a saída da polícia de choque, a Sorbonne foi ocupada pelos estudantes. Os estudantes

começaram a se reunir em uma assembleia geral e a formar um Comitê de Ocupação para coordenar a luta. O Comitê de Ocupação era composto por 15 membros eleitos e revogáveis diariamente pela assembleia geral (um dos quais era o enfurecido Rene Riesel). Havia muitas tendências políticas diferentes visíveis na Sorbonne ocupada. Havia aqueles que queriam uma reforma universitária, aqueles que queriam a queda do gaullismo (De Gaulle era presidente da França) e aqueles que queriam ver o fim da sociedade de classes.

Também em 13 de maio, os principais sindicatos, a CGT (sindicato controlado pelo Partido Comunista), a CFDT e a FO, convocaram uma greve geral de um dia em protesto contra a violência policial e por reivindicações há muito negligenciadas relacionadas a salários, horas de trabalho, aposentadoria e direitos sindicais. Muitos trabalhadores se reuniram na fábrica da Renault em Boulogne Billancourt (a maior fábrica da França). O Partido Comunista (PC) já está distribuindo um folheto pedindo "resolução, calma, vigilância e unidade" e alertando contra os "provocadores". O alto-falante do sindicato (CGT) pede modernização e alerta sobre "elementos perturbadores, alheios à classe trabalhadora".

À tarde, uma grande passeata reúne trabalhadores, estudantes e professores. O PC tem milhares de comissários de bordo cercando os participantes da marcha, impedindo o contato entre estudantes e trabalhadores e tentando dispersar as pessoas quando elas dizem que a marcha deve terminar. Muitos dos estudantes queriam se reunir com os trabalhadores em outra rua e, quando alguns deles propuseram isso, foram agredidos pelos comissários de bordo do PC. Em um determinado momento durante a marcha, um carro de polícia desceu uma das ruas onde as pessoas estavam marchando (talvez eles não esperassem que as pessoas estivessem nessa rua ou pensaram que a marcha havia terminado). Sem ter para onde ir, o policial acelerou, ferindo pessoas. Um dos dois policiais no carro é arrastado para fora e espancado, mas sua vida é salva pelos comissários de bordo do CP. A multidão começou a agitar o carro da polícia e o outro policial disparou contra a multidão, felizmente não atingindo ninguém. Ele foi imediatamente atacado pela multidão, mas os comissários de bordo ajudaram esse policial a fugir também.

Em 14 de maio, a fábrica da Sud Aviation em Nantes é ocupada por trabalhadores. Fica claro que os sindicatos não estão no controle do movimento, e a greve geral de um dia acaba se tornando uma greve selvagem em massa. Em 16 de maio, as fábricas da

Renault em Cleon e Flins são ocupadas pelos trabalhadores. Em 17 de maio, milhões de trabalhadores franceses estão em greve selvagem. Muitos estudantes marcham até a fábrica da Renault para mostrar sua solidariedade aos trabalhadores em greve e se comunicar com eles. Os estudantes são recebidos com os portões da fábrica fechados e um alto-falante da CGT dizendo-lhes que seria melhor irem para casa. Alguns dos estudantes conseguem falar com os trabalhadores através dos portões e mais tarde naquela noite, mas não cobram os portões da fábrica, legitimando assim a autoridade da CGT. A CGT tentou reivindicar a responsabilidade pelo movimento grevista e reduzir uma greve geral a uma série de greves individuais em empresas. Nesse ponto, eles não foram muito bem-sucedidos. Os trabalhadores que estavam assumindo o controle de suas próprias vidas tinham pouca intenção de voltar ao trabalho. Como observou René Vignet, "[p]ara os sindicatos, o único uso de toda a força revolucionária do proletariado era tornar-se apresentável aos olhos de uma gerência efetivamente destituída e de um governo praticamente inexistente".

A essa altura, na Sorbonne, houve todo tipo de discussão sobre questões sociais e a luta revolucionária nas salas de aula, e os comitês de ação operário-estudantil foram formados por estudantes e por quem mais quisesse se juntar a eles. As universidades ocupadas, como a Sorbonne e a Censier, convidaram os trabalhadores e o público em geral a participar de suas atividades. Os comitês de ação operário-estudantil eram especialmente predominantes na Censier. Esses comitês estabeleceram vínculos com trabalhadores revolucionários, com os quais redigiam e distribuíam panfletos, convocavam comitês de greve controlados pelos trabalhadores e, de modo geral, incentivavam a discussão de problemas imediatos entre trabalhadores e estudantes. Há muitos grafites por toda parte, muitos deles de inspiração situacionista. O slogan de Guy Debord de 1953, "never work", aparece novamente, dessa vez com um significado obviamente mais amplo. Uma inscrição particularmente tocante da Sorbonne diz: "Desde 1936, tenho lutado por aumentos salariais. Agora tenho uma televisão, uma geladeira e um Volkswagen. No entanto, no geral, minha vida sempre foi uma vida de cão. Não discuta com os patrões. Elimine-os."

O Comitê de Ocupação da Sorbonne acabou sendo esmagado por seitas de esquerda e conservadores, e a assembleia geral estava se deteriorando. Muitas das pessoas mais radicais do local decidiram deixar a Sorbonne. Assim, foi fundado o Conselho para a Manutenção das Ocupações (CMDO). Em 19 de maio, o CMDO mudou-se para o

Instituto Pedagógico Nacional. O CMDO continha situacionistas como Debord, Khayati, Riesel e Vaneigem. Eles tinham um comitê de impressão, um comitê de ligação e um comitê de requisições. Seu objetivo era incentivar a disseminação das ocupações e a organização autônoma dos trabalhadores, além dos sindicalistas stalinistas, com a meta final de criar uma sociedade em que o poder dos conselhos de trabalhadores fosse o único poder no país.

Um bom exemplo da experiência de maio de 68 e de um comitê de ação trabalhador-estudante é dado por Fredy Perlman, que era ativo em um desses comitês na época. Em uma fábrica da Citroën, um comitê de greve convocou uma greve e uma ocupação, que o comitê de ação operário-estudantil ajudou a divulgar. No dia da greve, o comitê de ação foi impedido de entrar nos portões da fábrica pela CGT. A CGT agiu como se tivesse convocado a greve, de modo a limitá-la às reivindicações salariais e de condições de trabalho. Muitos trabalhadores estrangeiros da Citroën, já segregados de várias maneiras dos trabalhadores franceses, moravam em conjuntos habitacionais e não puderam ir à fábrica durante a greve. Os membros do comitê de ação ajudaram a organizar cursos de francês para esses trabalhadores e encontraram caminhões e providenciaram o transporte de alimentos de camponeses que apoiavam os grevistas. O comitê de ação de Perlman incentivou a organização de base entre os trabalhadores, apoiando a greve e tentando derrubar as barreiras que dividiam os elementos potencialmente revolucionários da sociedade.

Em 24 de maio, houve uma manifestação que se transformou em um tumulto no qual parte da bolsa de valores foi queimada e duas delegacias de polícia foram destruídas. O governo e as organizações burocráticas pediram a proibição de manifestações e negociações imediatas (com os patrões). A França havia sido mais ou menos fechada por greves. Os bancos na França foram fechados. Houve alguma distribuição gratuita de alimentos pelos camponeses, mas não houve tantos saques quanto poderia ter havido.

Em 30 de maio, após retornar à França (ele havia saído), o presidente De Gaulle anunciou que pretendia permanecer no poder. Ele marcou as próximas eleições, sendo as alternativas eleições ou guerra civil. A ala direita apareceu em uma manifestação a favor de De Gaulle. Os trabalhadores receberam uma oferta de salários mais altos, chamada nacionalmente de acordo Grenelle, que foi rejeitada. A greve teve de ser interrompida fábrica por fábrica. E no final de maio, o movimento revolucionário francês parecia estar perdendo força. Em 6 de junho, a polícia expulsou os trabalhadores

da fábrica da Renault em Flins. Os sindicatos foram fundamentais para limitar o movimento revolucionário e conseguiram fazer com que o trabalho fosse retomado em quase todos os lugares. Às vezes, os sindicatos diziam aos trabalhadores que outras fábricas tinham voltado a funcionar, mas não tinham. Com o fracasso do movimento revolucionário, o governo recuperou o poder e a relevância que havia perdido. Muitas organizações de esquerda foram dissolvidas. Em 16 de junho, a ocupação da Sorbonne terminou - a polícia obrigou todos a saírem. Depois que De Gaulle venceu as eleições em 23 de junho, todos os prédios ocupados foram evacuados. A greve selvagem envolveu 10 milhões de trabalhadores, ou seja, 2/3 da força de trabalho francesa. Eles paralisaram uma nação industrializada moderna e criaram uma quase revolução.

Substituindo o SI

"O SI deve ser substituído", escreveram eles. Eles achavam que os revolucionários que viriam depois deles deveriam aprimorar sua teoria e incorporar seus pontos fortes. Aqui, levantarei algumas questões sobre como poderia ser a superação da teoria da IS. Em 1919, Lukacs escreveu sobre a situação na União Soviética: "a luta de classes agora está sendo travada de cima para baixo". Essa é uma afirmação ideológica ridícula. Mas o que há na teoria de Lukacs, ou na de Marx, que pode levar alguém a dizer algo assim? Em 1969, a SI lamentou a "falta de conhecimento teórico dos objetivos autônomos da luta de classes do proletariado". Não tenho certeza do que *exatamente* se quis dizer com isso. Mas será que a "luta de classe proletária" tem objetivos? Como os anarquistas russos puderam chamar o regime bolchevique de capitalista de Estado já em 1918, um ano antes de Lukacs dar sua opinião marxista sobre o assunto?

A oposição anarquista ao Estado pode parecer um tanto grosseira do ponto de vista marxista, até mesmo puramente ideológica. Mas se o marxista vê a luta de classes como tendo objetivos que fluem pela história e pairam em algum lugar acima da realidade, isso não é ideológico? O determinismo de fato apareceu na teoria da IS. A IS sempre escreveu sobre o rápido desenvolvimento da tecnologia como algo que ajudou a possibilitar o nascimento da sociedade comunista. A base para essa maneira de ver as coisas é a noção marxista de uma contradição crescente entre as forças de produção e as relações de propriedade da sociedade capitalista. A SI, assim como Marx, tinha uma atitude bastante otimista em relação à tecnologia. Agora, ao que parece, essa atitude só poderia ser ingenuidade.

Outros aspectos da SI que parecem bastante questionáveis hoje em dia incluem o seu conselhismo e a forma de organização. O entusiasmo da SI pelos conselhos de trabalhadores como a forma que a luta revolucionária deve assumir negligencia a análise da natureza desses conselhos. O comunismo não é uma forma específica de organização, e concentrar-se na forma que as lutas dos trabalhadores assumem sem lidar criticamente com seu conteúdo é um perigo óbvio. (Uma forma diretamente democrática é necessariamente revolucionária?) O SI criou uma organização formal na qual Debord era a principal personalidade. O ensaio de Jacques Camatte, "On Organization" (Sobre a organização), apresenta uma crítica interessante sobre como essas organizações podem funcionar como raquetes que reproduzem formas capitalistas.

Jean Barrot, em um ensaio de crítica ao SI, escreve sobre *A revolução da vida cotidiana* de Vaneigem: "O livro de Vaneigem foi um trabalho difícil de produzir porque não pode ser vivido, ameaçado de cair, por um lado, em um possibilismo marginal e, por outro, em um imperativo, que é irrealizável e, portanto, moral. Ou a pessoa se encolhe nas fendas da sociedade burguesa, ou se opõe incessantemente a ela uma vida diferente, que é impotente porque somente a revolução pode torná-la realidade. A S.I. colocou o pior de si em seu pior texto. Vaneigem foi o lado mais fraco da S.I., aquele que revela todas as suas fraquezas." Somente a revolução? Vaneigem representa a parte da SI que não se baseou muito em Marx. Mas Barrot (provavelmente sem saber) não está apresentando um conceito pouco dialético de revolução? Uma abordagem anarquista insurrecional, por exemplo, é um pouco diferente. Como o *Anarquismo* italiano escreveu, em referência ao mérito relativo dessa "vida diferente", "é esse comportamento ilegal antiautoritário que indicou o que é definido como fase pré-revolucionária, em vez de, como alguns defendem, que é essa fase que torna esse comportamento racional".

Como Vaneigem, e também Debord, apontaram para além de alguns dos pontos fracos de sua teoria? E como a passagem do tempo desde maio de 68 mudou a forma como sua teoria deve ser colocada em prática? Parece que um questionamento contínuo desses tópicos é necessário, mas está um pouco além do escopo deste ensaio.

Leitura sugerida

"Toda essa conversa sobre os situacionistas franceses estarem associados ao punk é besteira. É um absurdo! ... Os situacionistas... eram estruturados demais para o meu

gosto, com jogos de palavras e sem trabalho. Além disso, eles eram franceses, então que se danem."

- John Lyden (Johnny Rotten dos Sex Pistols)

- Debord, Guy. *The Society of the Spectacle [A Sociedade do Espetáculo]*: Análise notável do capitalismo moderno. Um dos livros mais importantes do século 20.th
- Debord, Guy. *Comments on the Society of the Spectacle [Comentários sobre a Sociedade do Espetáculo]*: Desenvolvimento adicional das ideias de *The Society of the Spectacle*. Enfoca a política espetacular de uma forma que é relevante para o mundo pós-11 de setembro.
- Debord, Guy e Gianfranco Sanguinetti. *The Real Split in the International [A verdadeira divisão na Internacional]*: Escrito quando a SI estava se dissolvendo. Interessante, mas não tão bom quanto os outros livros de Debord.
- Debord, Guy. *Panegyric*: Autobiografia muito bem escrita que não chega a ser uma autobiografia.
- Debord, Guy. *Complete Cinematic Works: Scripts, Stills, Documents*: Excelente.
- Vaneigem, Raoul. *The Revolution of Everyday Life [A Revolução da Vida Cotidiana]*: Brilhante e de leitura prazerosa. Muito influente para muitos anarquistas.
- Vienet, Rene. *Enrages and Situationists in the Occupation Movement, France, May '68 [Enraivecidos e situacionistas no movimento de ocupação, França, maio de 68]*: Relato situacionista do que diz o título.
- Perlman, Fredy e Roger Gregoire. *Worker-Student Action Committees, França, maio de 68*: Relato informativo e autocrítico de pessoas envolvidas.
- Gray, Christopher, ed. *Leaving the 20th Century [Saindo do século 20]*: Esteticamente agradável e uma boa introdução breve aos situacionistas.
- Estrela Negra. *Situationists and the Beach*: Também é uma boa introdução aos situacionistas, esteticamente agradável.

- Knabb, Ken, ed. *Situationist International Anthology [Antologia da Internacional Situacionista]*: The best of the SI journals (O melhor dos periódicos da SI). Um livro bastante grande, mas que vale a pena.
- Jappe, Anselm. *Guy Debord*: Excelente análise da teoria de Debord.
- Black, Bob. "The realization and suppression of Situationism": introdução à SI. Disponível em www.inspiracy.com
- *Contra o sono e o pesadelo*. "Go 'Beyond the SI' in Ten Simple Steps": apresenta um resumo da teoria da SI e analisa um pouco. Disponível em www.againstsleepandnightmare.com
- Barrot, Jean. "Critique of the SI": crítica a partir de uma perspectiva comunista antiestatal. Disponível em www.geocities.com
- Jappe, Anselm. "Guy Debord's Concept of the Spectacle": do livro de Jappe. Disponível em "pamphlets" em treason.metadns.cx
- Brinton, Maurice. "Paris: May 1968": relato de testemunha ocular dos eventos. Disponível em www.prole.info
- Todos os tipos de textos situacionistas: www.cddc.vt.edu e library.nothingness.org
- Grafite de maio de 68: www.bopsecrets.org (do site de Ken Knabb)